

TRANSFORMA
MEU PRANTO EM
Dança

Henri Nouwen

TRANSFORMA

MEU PRANTO EM

Dança

CINCO PASSOS PARA SOBREVIVER
À DOR E REDESCOBRIR A FELICIDADE



THOMAS NELSON BRASIL

RIO DE JANEIRO, 2007

Título original
Turn my mourning into dancing

Copyright © 2005 by Henri Nouwen

Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2007.

SUPERVISÃO EDITORIAL Nataniel dos Santos Gomes

ASSISTENTE EDITORIAL Clarisse de Athayde Costa Cintra

TRADUÇÃO Beatriz Gotardelo Fraga Moreira

CAPA Cláudio Souto

COPIDESQUE Norma Cristina Guimarães Braga

REVISÃO Margarida Seltmann / Magda de Oliveira Carlos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVRO, RJ

N81t

Nouwen, Henri, J. M.

Transforma meu pranto em dança: cinco passos para sobreviver à dor e redescobrir a felicidade/Henri Nouwen; [compilado e editado por Timothy Jones; tradução Beatriz Gotardelo Fraga Moreira]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

Tradução de: Turn my mourning into dancing
ISBN 978-85-6030-323-6

1. Aflição - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Consolação. I. Jones, Timothy K., 1955-. II. Título.

07-0365.

CDD: 242
CDU: 242

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

Sumário

Agradecimentos	7
Prefácio	9
Introdução	13
CINCO PASSOS EM TEMPOS DIFÍCEIS	
Saindo de Meu Eu para um Mundo Mais Amplo	19
Agarrar e Soltar	35
Do Fatalismo para a Esperança	53
Da Manipulação ao Amor	69
Da Morte Temível para a Vida de Gozo	93
Notas	111

Agradecimentos

Meus melhores agradecimentos a Maureen Wright e a Sue Mosteller, do Henri Nouwen Literary Centre, e a Gabrielle Earnshaw, do The Henri J. M. Nouwen Archives and Research Collection, da Biblioteca John M. Kelly da Universidade de St. Michael's College, em Toronto. É quase dispensável dizer que este livro jamais viria à luz sem elas. Agradeço, ainda, a John Mogabgab, por seu enorme encorajamento, e a Robert Jonas, pela permissão para compartilhar a sua história.

Prefácio

“**N**ão será suficiente” — imaginei — “visitar só os arquivos.” Compilar *Transforma Meu Pranto Em Dança* iria requerer uma dedicação mais profunda de minha parte.

Eu iria, logicamente, selecionar dentre as centenas de páginas de anotações das conferências e dos sermões transcritos que Henri Nouwen havia deixado arquivados em caixas enfileiradas em prateleiras. Eu tinha plena confiança de que esses arquivos, com escritos inéditos do sacerdote e escritor, forneceriam amplo material para um livro. Décadas de leitura dos livros de Nouwen sobre a vida espiritual e o ministério em um mundo necessitado demonstraram o grande interesse que ele possuía pela oração e sua percepção da natureza humana. Isso eu já sabia. Mas desejava obter um conhecimento maior de Nouwen. Enquanto trabalhava com o material arquivado, queria absorver mais da presença pastoral que estava por detrás daquelas páginas manuscritas e notas datilografadas.

A oportunidade veio-me por acaso. Meu amigo John Mogabgab, assistente de Henri durante seus anos na Yale Divinity School e atualmente editor do apreciado jornal *Weavings*, sugeriu-me que também visitasse Daybreak, a comunidade que

acolhe pessoas profundamente incapacitadas, e onde Henri trabalhou nos últimos anos de sua vida. Como os arquivos estavam situados à pequena distância de Daybreak, a visita pareceu-me propícia. Passaria o período do dia durante aquela semana na Biblioteca John M. Kelly, do St. Michael's College, em Toronto. E, então, gastaria as noites em Daybreak, conversando com os companheiros de Henri, conhecendo os integrantes da comunidade, jantando com os principais integrantes e seus assistentes, e me hospedaria no próprio Cedars, uma combinação de casa e biblioteca que Henri fundou, e na qual viveu e escreveu.

Naqueles dias, aprendi muito sobre o homem escondido atrás das palavras, até a hora de partir. Kathy, a secretária de Henri nos últimos anos, apanhou-me no aeroporto para levar-me a Daybreak. Ela aguardava-me com uma tabuleta: "A Comunidade Daybreak dá as Boas-Vindas a Timothy." E como fui bem recebido! Sue Mosteller, a testamenteira de Henri, e incontáveis outros membros da comunidade acolheram-me em seus cultos matutinos de louvor, nos grupos dos lares, nas refeições ao entardecer e nas conversas espontâneas ao lado da copiadora.

Kathy, Sue e os demais deram-me vislumbres do homem cujo coração estava constantemente voltado para as almas feridas. Pude sentir que ele viveu com imensa e inspiradora energia. Era freqüentemente chamado por pessoas com profundas necessidades, gente que não tinha nenhum contato prévio com Henri e de quem as personalidades públicas gostariam de ficar isoladas.

E a própria comunidade! Há anos, Henri havia pedido demissão de Harvard para passar um ano sabático escrevendo em Trosly-Breuil, na França, na primeira comunidade L'Arche, a serviço dos portadores de deficiências físicas e mentais. Sentiu-se tão em casa que, em 1986, aceitou o convite para ser pastor da comunidade L'Arche de Daybreak, perto de Toronto, Canadá.

Sua descoberta de Daybreak, afirmaram seus amigos e ele próprio, representou um retorno ao lar. Esse professor, que instruiu alguns dos mais brilhantes e eloqüentes estudantes de Teologia da nação — em Notre Dame, Yale e Harvard — passou os últimos anos de sua vida ministrando profundamente através de sua presença gentil (e às vezes veemente) e de suas palavras simples e de bênçãos pastorais. Naturalmente, ele continuou a escrever, e sua influência só fez aumentar, num dos grandes paradoxos que as figuras verdadeiramente grandes costumam encarnar.

Após a morte de Henri Nouwen em 1996, o interesse por seus escritos só cresceu. O segredo disso, creio, vai além do seu jeito habilidoso de comunicar ou sua realização surpreendente. Mais do que qualquer coisa, esse constante interesse em sua obra é resultado daquilo que Henri foi: um coração quebrantado diante de Deus e escancarado para seus companheiros e leitores. Henri foi complexo e inacabado; ele bem o sabia e nunca escondeu isso. Mesmo assim, ele também sabia que havia um serviço a realizar. Sofrimento a tratar. Esperança a levar para os lugares escuros da vida.

Espero que o leitor perceba que tudo isso preencheu os sermões, palestras e anotações que forneceram o material para este livro. *Transforma Meu Pranto Em Dança* oferece mais lampejos da pena — e da vida — deste levemente arqueado, mas sempre apaixonado pregador da espiritualidade. Ao mesmo tempo que aprendemos com esse cronista das possibilidades da vida humana vibrante com Deus, esperamos que nossas aflições também se transformem em expectativa e, até mesmo, em dança.

Timothy Jones,
OUTONO DE 2001

Introdução

ESPERANÇA PARA NOSSO MUNDO FERIDO

Hoje à tarde recebi um telefonema de meu amigo Jonas. Estava em choque: sua voz tremia e quase não se ouvia. Sua filhinha, contou-me, falecera quatro horas depois de nascer: “Margaret, nosso filho Sam, de três anos, e eu havíamos esperado tanto a chegada desse bebê! Rebeca nasceu prematura, numa cesariana de emergência, mas parecia que ia sobreviver.” Os sinais vitais, porém, logo revelaram aos pais que ela não resistiria.

Na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), Jonas e Margaret seguraram nos braços aquela pequena vida, e então tudo acabou. Jonas contou-me que orou pela criança e fez o sinal-da-cruz. Fui muito tocado por suas palavras seguintes: “Enquanto dirigia do hospital para casa, eu disse a Deus: ‘O Senhor nos deu Rebeca e agora eu lhe devolvo. Mas eu sei que um lindo futuro está sendo frustrado. Dói muito perder minha filha. Eu me sinto tão vazio!’”

Procurei as palavras certas. Que poderia dizer-lhe naquele momento? Eu não queria, de modo algum, interferir em sua profunda dor. Mas também sabia que não podia deixá-lo sem uma palavra de consolação. Respondi: “Rebeca é sua filha — sua e de Margaret — para sempre. Sam terá sempre uma irmã. Rebeca foi dada a vocês apenas por umas horas, e não foram sem

razão. Suas orações não foram em vão. Ela está agora no abraço eterno de Deus.”

Nossa conversa foi longa. Sei que minhas palavras trouxeram pouco conforto. O que mais precisávamos era nos abraçar e chorar. Como a nossa amizade foi importante naqueles momentos!

Fiquei outra vez pensativo, como qualquer de nós fica quando uma dor nos atinge e nos fere profundamente: Por que aconteceu isso? Para revelar a glória de Deus? Para lembrar-nos da fragilidade da vida? Ou, quem sabe, para aprofundar a fé daqueles que continuam vivos? É difícil responder “sim” a todas essas perguntas, quando tudo parece tão escuro.

Quando penso em Margaret e Jonas segurando a pequena Rebeca em seus braços, penso também em Maria, a mãe de Jesus. Quantas pinturas e esculturas representam-na abraçando o corpo sem vida, em seu regaço. Ela não parece desolada, nem sem esperança, mas que dor sentiu ao ver seu Filho morto numa cruz! Ao lembrar-me de meus amigos, Margaret e Jonas, sou movido a orar.

Os sofrimentos que todos nós suportamos requerem, certamente, mais do que simples palavras, mesmo palavras espirituais. Frases eloqüentes não podem aliviar nossa dor profunda, mas sempre encontramos algo especial que nos conduz através dos sofrimentos. Ouvimos um convite para deixar que nosso lamento se transforme numa fonte de cura, que nossa tristeza se torne uma passagem da dor à dança. Quem Jesus declarou que seria bem-aventurado? “Aqueles que choram” (Mateus 5:4). Aprendemos a olhar nossas perdas de frente, e a não fugir delas. Ao aceitar sem repulsa as dores da vida, poderemos encontrar o inesperado. Ao convidar Deus para participar de nossas dificuldades, fundamentaremos nossa vida — até mesmo seus momentos tristes — em alegria e esperança.

Ao parar de querer apossar-nos da vida, receberemos mais até do que conseguimos agarrar por nós mesmos. E aprenderemos o caminho para um amor mais profundo pelos outros.

Como podemos aprender a viver assim? Muitos de nós somos tentados a pensar que, se sofreremos, a única coisa importante é o alívio da dor. Queremos escapar a qualquer custo. Mas quando aprendemos a mover-nos através do sofrimento, em lugar de tentar evitá-lo, vamos aceitá-lo de modo diferente. Estaremos dispostos a deixá-lo ensinar-nos. Começaremos, até mesmo, a perceber como Deus pode usá-lo. O sofrimento deixa de ser aborrecimento ou maldição de que temos de fugir sem poupar esforços, para tornar-se um caminho para uma realização mais profunda. Basicamente, lamentar significa enfrentar o que nos fere na presença daquele que pode curar.

Isso não é fácil! Essa dança não incluirá passos que não exijam esforços. Teremos que praticar, com certeza. Com isso em mente, procuraremos mostrar neste pequeno livro cinco passos de uma vida fundamentada em Deus. Esses passos não farão a dor desaparecer; não significarão que poderemos evitar vales escuros e noites sem fim. Mas esses passos de dança na coreografia curadora de Deus irão levar-nos graciosamente através do que nos pode causar dano, para encontrarmos cura, enquanto suportamos o que nos poderia desesperar. Podemos, então, encontrar um meio de cura que permita que nosso espírito ferido dance outra vez, sem medo de sofrer ou de morrer, porque vamos aprender a viver com esperança permanente.

**CINCO PASSOS
EM
TEMPOS DIFÍCEIS**

Ao chegar a Daybreak, a comunidade de ajuda a pessoas incapacitadas onde tenho sido pastor, eu estava passando por um grande sofrimento. Meus muitos anos no meio acadêmico, minhas viagens entre os pobres da América Central e depois as palestras que dava ao redor do mundo, contando tudo o que havia visto, deixaram-me esgotado. Meus compromissos faziam-me correr como louco. Em vez de prover um alívio para meus próprios conflitos, minha correria para dar palestras aqui e ali só intensificava minha perturbação interior. E, por causa dos meus muitos compromissos, eu nem podia lidar profundamente com minha dor. Continuava com a ilusão de que tudo estava sob meu controle, e assim ia evitando o que não queria enfrentar dentro de mim e no mundo ao meu redor.

Mas, quando cheguei, pude testemunhar o enorme sofrimento de pessoas que viviam ali, com deficiências mentais e físicas. Comecei a enxergar meus problemas sob novo foco. Percebi que faziam parte de um sofrimento muito maior. Consegui, então, através dessa descoberta, nova energia para viver em minha própria miséria e dor.

Percebi que a cura começa quando tiramos nossa dor do isolamento diabólico e passamos a ver que, por mais que sofram, sofreremos em comunhão com toda a humanidade, bem como com toda a criação. Ao agir desse modo, nós nos tornamos participantes da grande batalha contra o poder das trevas. Nossa pequena vida participa de algo muito maior.

Também descobri que aqui as pessoas quase nunca perguntam: “Como posso livrar-me do meu sofrimento?” Perguntam, porém: “Como posso fazer dele uma ocasião de crescimento e descoberta?” Entre elas, algumas não conseguem ler, outras nem ao menos podem cuidar de si mesmas: são homens e mulheres rejeitados por um mundo que só valoriza quem é perfeito, inteligente e sadio. Mas pude ver ali pessoas aprendendo a fazer uma conexão entre o sofrimento humano — ou seja: seu próprio sofrimento — e o sofrimento de Deus. Elas ajudaram-me a ver que o caminho através do sofrimento não é negá-lo, mas viver integralmente no meio dele. Elas indagavam-se sobre como transformar o sofrimento numa oportunidade, em vez de vivê-lo como uma demorada interrupção na vida delas.

Como podemos fazer essas conexões por nós mesmos? Como realizar essa mudança, deixando de lutar para evitar a nossa dor e pedindo a Deus para compensá-la e usá-la de forma agradável?

AVALIANDO NOSSAS PERDAS

Um passo precipitado nessa dança pode parecer simples, embora muitas vezes não venha tão facilmente: somos chamados a sofrer nossas perdas. Parece paradoxal, mas cura e dança começam com uma visão honesta daquilo que nos causa dor. Enfrentamos perdas secretas que nos paralisaram e nos mantiveram

prisioneiros de rejeição, vergonha ou culpa. Não alimentamos a ilusão de que podemos ludibriar nosso caminho por entre dificuldades. Ao tentar esconder dos olhos de Deus e de nossa própria consciência partes de nossa história, tornamo-nos juízes de nosso passado. Limitamos a misericórdia de Deus aos nossos medos humanos. Os esforços que fazemos para nos desconectar de nossos sofrimentos terminam por desconectar nosso sofrimento do sofrimento de Deus por nós.

Quando Jesus disse: “... pois não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mateus 9:13), estava afirmando que só aqueles que são capazes de enfrentar sua situação de dor estarão aptos para a cura e para a entrada em uma nova maneira de viver.

Algumas vezes temos que nos perguntar quais são nossas perdas. Ao fazer assim, vamos lembrar quão real é a experiência de perda. Talvez você saiba o que é perder um dos pais. Quanto me lembro da dor sentida após a enfermidade que levou minha mãe à morte! Podemos presenciar a morte de uma criança ou de um amigo. E também perdemos pessoas, às vezes dolorosamente, por causa de desentendimentos, conflitos ou raiva. Posso ficar esperando a visita de um amigo que não vem. Falo a um grupo e espero uma recepção calorosa, mas ninguém se manifesta. Alguém pode levar de nós o emprego, a carreira ou, até, o bom nome.

Podemos ver esperanças estremecerem por causa de uma enfermidade que nos acomete, ou sonhos se desvanecerem quando alguém em quem confiamos nos trai. Um membro da família pode deixar o lar com muita raiva, e ficamos nos perguntando em que falhamos. Muitas vezes, nosso sentido de perda é maior ainda. Leio o jornal de hoje e encontro notícias ainda piores do que as de ontem. Nossa alma geme de tristeza diante

da pobreza ou da destruição da beleza natural de nosso mundo. E perdemos o sentido da vida, não só porque nosso coração fica cansado, mas também porque alguém ridiculariza nossa maneira de pensar e orar. Nossas convicções, então, parecem de repente fora de moda, desnecessárias. Até a nossa fé parece vacilar. Essas são decepções potencialmente presentes em qualquer vida.

Vemos esse revés como um obstáculo ao que pensamos que deveríamos ser: saudáveis, bonitos, livres de desconforto. Consideramos o sofrimento irritante e sem sentido. Fazemos o máximo esforço para nos livrar de nossa dor. Alguns de nós preferimos a ilusão de que nossas perdas não são reais, que são apenas interrupções temporárias. E, assim, gastamos muita energia em negá-las. “Minhas perdas não podem me impedir de viver no plano da realidade” — dizemos a nós mesmos.

Muitas tentações alimentam essa negação. Ocupações constantes, por exemplo, tornam-se um modo de fuga daquilo que, em outras circunstâncias, seria confrontador. O mundo em que vivemos jaz no poder do maligno, e o maligno prefere distrair-nos e preencher cada tempo livre com muitas tarefas, encontros, negócios, produção de objetos. Ele não permite que haja espaço para uma dor genuína, para um choro. Nossa excessiva ocupação transforma-se em maldição, mesmo quando achamos que ela fornece alívio para a dor que levamos dentro de nós. Nossa vida ultracarregada só serve para nos impedir de enfrentar a inevitável dificuldade que todos, em algum momento, teremos.

A voz do mal também nos tenta a simular uma fachada invencível. Palavras como *vulnerabilidade*, *renúncia*, *rendição*, *choro*, *lamento* e *dor* não serão encontradas no dicionário do diabo. Certa vez, alguém me disse: “Nunca demonstre sua

fraqueza, pois você será usado; nunca seja vulnerável, pois irá machucar-se; nunca dependa de outros, porque perderá sua liberdade.” Isso tudo pode aparentar bom senso, mas em nada reproduz a voz da sabedoria. Só imita um mundo que nos quer respeitosos, sem questionar os limites e as compulsões que nossa sociedade determinou para nós.

Enfrentar nossas perdas também significa desafiar a tentação de pensar que o mundo tem a obrigação de suprir nossas necessidades. Temos necessidades, é verdade! Desejamos atenção, afeto, influência, poder. E nossas necessidades nunca parecem satisfeitas. Até atitudes altruístas podem conter um emaranhado dessas necessidades. Assim, quando pessoas ou circunstâncias não preenchem todas as nossas necessidades, nós nos afastamos ou esperneamos agressivamente. Nutrimos nosso espírito ferido. E tornamo-nos ainda mais necessitados. Ansiamos por soluções fáceis, ignorando qualquer coisa que possa nos sugerir outra saída.

Gostamos, também, de vitórias sem esforços: crescimento sem crise, cura sem dores e ressurreição sem a cruz. Não é de admirar que gostemos de assistir a desfiles militares e de aplaudir heróis que retornam, operadores de milagres e recordistas. Também não é de admirar que nossas comunidades pareçam organizadas para manter o sofrimento a distância. As pessoas são sepultadas de maneira a disfarçar a morte com eufemismos e ornamentação rebuscada. As instituições mantêm reclusos os seus doentes mentais e criminosos, numa contínua negação de que eles pertencem à família humana. Até nossos hábitos do dia-a-dia levam-nos a disfarçar nossos sentimentos, e a comunicar-nos polidamente, mas sem sinceridade, evitando, assim, um confronto honesto e curador. Amizades tornam-se superficiais e temporárias.

A maneira de Jesus é tão diferente. Embora ele tenha trazido grande conforto e tenha vindo com palavras suaves e toque curador, não veio para eliminar nossas dores. Jesus entrou em Jerusalém, nos seus últimos dias, montado num jumento, como um palhaço numa parada. Esse foi o seu jeito de fazer-nos lembrar que enlouquecemos quando insistimos em vitórias fáceis ou quando pensamos que podemos disfarçar o que nos aflige, gastando nosso tempo em futilidades. Muito do que realmente vale a pena só acontecerá através de confronto.

O caminho entre o Domingo de Ramos e o Domingo de Páscoa é o caminho da paciência, o caminho do sofrimento. A nossa palavra *paciência* deriva do antigo radical *patior*, que significa *sofrer*. Aprender a paciência é não nos rebelarmos contra cada adversidade, porque, quando insistimos em esconder nossas dores com “Hosanas” fáceis, corremos o risco de perder nossa paciência. Quando a frivolidade do caminho fácil se desgasta, nós tornamo-nos amargurados e cínicos, ou violentos e agressivos.

Em lugar de tudo isso, Cristo convida-nos a permanecer em contato com os muitos sofrimentos de cada dia e a experimentar o começo da esperança e da nova vida, justamente aí onde vivemos, no meio das feridas, dores, falência. Ao observar sua vida, os seguidores de Cristo perceberam que, quando todos os gritos “Hosanas” da multidão cessaram, discípulos e amigos o abandonaram. Depois de Jesus gritar “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, foi então que o Filho do Homem ressuscitou da morte; foi então que ele rompeu as cadeias da morte e tornou-se Salvador. Este é o caminho da paciência, que nos conduz vagarosamente do triunfo fácil à árdua vitória.

Terei menor tendência a negar meu sofrimento quando aprender que Deus o usa para moldar-me e atrair-me para mais perto de si. Deixarei de ver minhas dores como interrupções dos meus planos e serei mais capaz de vê-las como meios de Deus fazer-me pronto a recebê-lo. Deixarei Cristo viver junto às minhas dores e perturbações.

Lembro-me de um velho sacerdote que me disse em certa ocasião: “Eu sempre me queixava das constantes interrupções ao meu trabalho, até que entendi que minhas interrupções é que eram o meu trabalho.” As coisas desagradáveis, os momentos difíceis, os reveses inesperados carregam em si maior potencial do que imaginamos. Porque o percurso do Domingo de Ramos ao Domingo de Páscoa nos tira da vitória fácil construída de pequenos sonhos e fantasias, para nos levar à árdua vitória oferecida pelo Deus que espera para nos purificar através de sua mão, que cuida e é paciente.

Aprendi com meus amigos em Daybreak que, no centro de nossa fé cristã, percebemos um Deus que toma sobre si o fardo do mundo inteiro. O sofrimento convida-nos a depositar nossas feridas em mãos maiores. Em Cristo, vemos Deus sofrendo por nós. E ele chama-nos a compartilhar os sofrimentos do amor de Deus por um mundo ferido. Das dores pequenas às mais esmagadoras de nossa vida, todas estão intimamente ligadas às maiores dores de Cristo. Nossos pesares diários estão ancorados em um pesar maior, e portanto numa maior esperança. Nada, absolutamente, em nossa vida foge do domínio do juízo e da misericórdia de Deus.

O QUE ACONTECE E O QUE NÃO ACONTECE

A grande questão não é aquilo que nos acontece, mas sim a maneira como reagimos ao que nos acontece. Não podemos mudar muitas circunstâncias em nossa vida. Sou branco, pertencço à classe média e tenho uma boa educação. Nem sempre tomei decisões conscientes sobre todas essas coisas. Aliás, muito pouco do que tenho vivido tem a ver com minhas decisões: as pessoas que conheço, o lugar onde nasci e as tendências de minha personalidade.

Nossa escolha, então, tem muito a ver, não com o que aconteceu ou acontecerá conosco, mas com nosso modo de agir em face das circunstâncias e voltas que a vida apresenta. Em outras palavras: reagirei à minha vida com ressentimento ou gratidão? Imagine que você e eu colidimos nossos carros um contra o outro numa rodovia. Eu poderia, além de sofrer ferimentos sérios, desenvolver forte ressentimento e amargura. Então, eu arrastaria-me pela vida afora, lamentando: “O acidente acabou com tudo: estou falido e a vida tornou-se um peso!” Você pode sofrer as mesmas perdas, mas perguntar: “O que me ocorreu pode servir para alertar-me a viver de uma nova maneira? Será esta uma oportunidade de conquistar algo novo? De fazer com que minha provação sirva de testemunho a outros?”

As perdas podem ser inegociáveis. Mas temos uma escolha: como vivenciamos essas perdas? Somos chamados vez após outra a perceber o Espírito de Deus trabalhando em nossa vida, e conosco, mesmo nos momentos mais escuros. Somos convidados a escolher a vida. O segredo para entender o sofrimento é deixar de nos rebelar contra os inconvenientes e as dores da vida.

PARTICIPANDO DE UMA DANÇA MAIOR

Lamentar é algo que nos empobrece e nos faz lembrar vivamente de nossa pequenez. Mas é precisamente aqui, no meio da dor, da pobreza ou da fraqueza que o Dançarino nos convida a levantar e a dar os primeiros passos. É dentro do nosso sofrimento, e nunca fora dele, que Jesus entra em nossa tristeza, toma-nos pela mão, puxa-nos gentilmente fazendo-nos ficar de pé e nos convida a dançar. E descobrimos o caminho da oração, como o salmista: “Converteste o meu pranto em dança” (Salmo 30:11), porque, no âmago da nossa tristeza, encontramos a graça de Deus.

E, enquanto dançamos, percebemos que não precisamos ficar confinados ao diminuto espaço da nossa tristeza, mas podemos sair dali. Paramos de centralizar nossa vida em nós mesmos. Chamamos outros para dançarem conosco a dança maior. Aprendemos a dar espaço a outros, e principalmente ao “Outro Gracioso” que está no nosso meio. E quando nos fazemos presentes para Deus e seu povo, nossa vida é ainda mais enriquecida. Constatamos que o mundo é nossa pista de dança: nosso passo torna-se mais leve e ligeiro, porque Deus está chamando outros a dançarem também.

Um amigo escreveu-me uma carta narrando sua descoberta. Ele havia decidido passar a semana após o Natal com seu pai, que sofre do Mal de Alzheimer. Certa manhã, ao encontrar o pai seguindo seu programa de tratamento diário, achou-o muito ansioso e agitado. Seu pai estava muito preocupado, acreditando que sua própria mãe, falecida há muitos anos, antes até do nascimento de meu amigo, estivesse precisando de sua ajuda. Suas preocupações eram uma clara evidência de uma profunda angústia que ele não conseguia expressar abertamente.

Meu amigo levou-o para dar um passeio de automóvel pelo campo. Poucas palavras foram trocadas entre eles, mas meu amigo percebeu que a ansiedade de seu pai diminuía e que ficara mais calmo. Depois de um silêncio de quase uma hora, seu pai virou-se para ele, olhou-o e disse: “Fazia tempo que não tínhamos um encontro tão bom assim.” O filho sorriu, reconhecendo que seu pai estava certo. A angústia havia-se transformado em paz; a perda resultara em ganho. Até o silêncio entre eles promoveu cura.

Grande parte de nossa trajetória através do sofrimento tem a ver com esses momentos inesperados. São momentos que chegam como presentes na nossa espera ou na nossa luta. São momentos muitas vezes relacionados com as pessoas que Deus põe em nosso caminho.

Não fazemos nosso percurso partindo de nossa vida insignificante na direção da graça maior de Deus por simples decisão pessoal ou esforço isolado. Quando nossas necessidades nos levam a nos apoderar desesperadamente de um lugar, quando nossas feridas não curadas determinam a atmosfera ao nosso redor, nós nos tornamos ansiosos. Mas, então, deixamos que nossa ferida nos lembre da necessidade de cura. Enquanto dançamos e avançamos, a graça provê o terreno onde damos nossos passos. A oração põe-nos em contato com o Deus da dança. Conseguiremos ver além da nossa experiência de tristeza ou de perda aprendendo a receber um amor que tudo abarca, um amor que vem ao nosso encontro nos momentos do dia-a-dia.

E assim esperamos pacientemente, se a situação o exige, aguardando os presentes que nos alcançarão onde estivermos. Observe as maravilhosas e exuberantes flores pintadas pelo

famoso pintor holandês Vincent van Gogh. Quanto pesar, quanta tristeza, quanta melancolia experimentou em sua complicada vida! E, ao mesmo tempo, quanta beleza, quanto êxtase! Vendo as suas vibrantes pinturas dos girassóis, quem pode dizer onde termina o lamento e onde começa a dança? Nossa glória vem oculta no sofrimento, se permitimos que o próprio Deus dê a si próprio como um presente em nossa experiência de dor. Se nos voltamos para Deus, sem nos rebelarmos contra nossa ferida, permitimos que ele a transforme em bem ainda maior. E deixamos que outros se unam a nós e descubram isso conosco.

GRATIDÃO NO CENTRO DA VIDA

Uma amiga deixou recentemente a comunidade Daybreak para dirigir outra semelhante. Seus anos de trabalho abnegado e fiel foram marcados por momentos de grande alegria, como também de grande pesar. Havia feito amizades calorosas e profundas, concluído com êxito muitos projetos e assumido papéis de liderança. Experimentara, também, fracassos e desapontamentos porque alguns daqueles relacionamentos antigos foram se quebrando pelo caminho, e mesmo no final de seu tempo ali. Durante os meses que precederam a sua saída, ela e outros membros da nossa comunidade disseram: “Estamos agradecidos por todas as coisas boas que aconteceram, por todas as amizades que fizemos, por todas as esperanças que vimos concretizadas. Resta-nos, apenas, aceitar os momentos doloridos.”

Ao ouvir comentários assim, comeci a pensar no que exatamente significou para minha amiga e para os outros membros da comunidade o fato de escolherem ser gratos por tudo o que havia ocorrido no âmbito de sua preciosa

comunhão. Como sua gratidão os ajudou a entrarem mais profundamente numa dança de cura e celebração de alegria? Talvez nada possa nos ajudar mais a sair de nosso pequeno “eu mesmo” para um mundo mais amplo do que lembrar-nos de Deus em gratidão. Essa perspectiva coloca Deus presente em tudo na nossa vida, e não apenas nos momentos que separamos para culto ou outras disciplinas espirituais; não apenas nos momentos em que a vida parece mais fácil.

Se Deus está presente em nossos momentos difíceis, então tudo na vida, por mais insignificante ou difícil que possa parecer, abre-nos para a obra de Deus entre nós. Ser grato não significa reprimir nossas tão lembradas feridas. Conforme formos levando a Deus nossas feridas — honestamente, e não superficialmente — algo de mudança em nossa vida pode lentamente começar a acontecer. Descobrimos que Deus é aquele que nos chama para a cura. Percebemos que toda dança de celebração deve entrelaçar pesar e bênção num mesmo passo alegre.

Certa ocasião, vi um escultor remover grandes pedaços de uma enorme rocha na qual estava trabalhando. Pensei, então: *Quanta dor deve estar sentindo aquela rocha! Por que esse homem a machuca tanto?* Enquanto olhava, vi surgir, aos poucos, a figura de uma graciosa bailarina, fitando-me nos olhos da imaginação, como a dizer: “Seu tolo! Não sabia que eu tinha de sofrer para entrar na minha glória?” O mistério da dança é que seus movimentos só se tornam visíveis através do sofrimento.

Sarar é permitir que o Espírito Santo me chame para dançar e crer de novo que, mesmo na minha dor, Deus vai orquestrar e guiar a minha vida.

Nossa tendência, porém, é dividir nosso passado em coisas boas para relembrar com gratidão e coisas dolorosas para aceitar

ou esquecer. Essa maneira de pensar, que à primeira vista parece ser tão natural, impede-nos de ver a totalidade do nosso passado como nascente da nossa vida futura, e isso nos mantém focalizados em nosso ganho ou em nosso conforto. Torna-se uma forma de categorizarmos e, de certo modo, controlarmos as coisas. Essa perspectiva acaba tornando-se uma nova tentativa de evitarmos enfrentar nosso sofrimento. Aceita essa divisão, desenvolveremos uma mentalidade na qual esperamos acumular mais lembranças agradáveis do que desagradáveis, mais situações que nos deixem alegres do que aquelas que nos deixem ressentidos, mais experiências para celebrar do que para lamentar.

Gratidão, em seu sentido mais profundo, significa viver a vida como um presente para ser recebido com agradecimentos. E a gratidão verdadeira alcançar tudo na vida: o bom e o ruim, a alegria e a dor, o santo e o não tão santo. E fazemos isso porque nos tornamos conscientes da vida de Deus, da presença de Deus em relação a tudo o que acontece.

É isso possível em uma sociedade para a qual a alegria e o pesar permanecem radicalmente separados? Onde o conforto é tido como algo que não deve apenas ser esperado, mas exigido? Propagandas dizem-nos que não podemos experimentar alegria em meio a tristezas. “Compre isto”, dizem, “faça aquilo, vá lá, e terá um momento de felicidade que fará você esquecer sua tristeza.” Mas será que não é possível abraçar com gratidão toda a nossa vida e não apenas as coisas agradáveis de que gostamos de relembrar?

Se o pranto e a dança fazem parte do mesmo movimento de graça, podemos ser gratos em relação a cada momento que já vivemos. Podemos encarar nossa inigualável jornada como a maneira de Deus moldar nosso coração a fim de que sejamos

mais semelhantes a Cristo. A cruz, o símbolo principal de nossa fé, convida-nos a ver graça onde há dor; a ver ressurreição onde há morte. O chamado para ser grato é um chamado para confiar em que cada momento pode ser experimentado como o caminho da cruz que leva a uma nova vida. Quando Jesus falou a seus discípulos antes de sua morte e ofereceu-lhes seu corpo e seu sangue como presentes de vida, também partilhou com eles tudo o que havia vivido — tanto sua alegria quanto sua dor, tanto seu sofrimento quanto sua glória — e os capacitou a iniciarem sua própria missão com um senso de profunda gratidão. Dia após dia, achamos novas razões para acreditar que nada nos separará do amor de Deus em Cristo.

Claro que é mais fácil empurrar as lembranças ruins para baixo do tapete da minha consciência e só pensar nas boas coisas que me agradam. Esse parece ser o caminho da satisfação. Ao fazer assim, porém, deixo de descobrir a alegria sob o pesar, o significado de ser induzido a sair do confinamento das lembranças dolorosas. Deixo de encontrar a força que se faz visível em minha fraqueza, a graça que Deus revelou a Paulo: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12:9).

A gratidão só nos ajudará nessa dança se for cultivada. Gratidão não é emoção simples ou atitude óbvia. Ser grato sempre requer prática. É preciso esforço contínuo para redefinir o meu passado inteiro como a maneira concreta de Deus conduzir-me até este momento. Ao assim fazer, devo encarar não só as feridas de hoje, mas as experiências passadas de rejeição, abandono, fracasso ou medo. Quando Jesus disse a seus discípulos que estavam intimamente ligados a ele como os ramos a uma videira, ainda teriam que ser podados para produzir mais fruto

(João 15:1-5). Podar, que é o mesmo que cortar, dá nova forma, remove o que reduz a vitalidade. Quando vemos uma vinha podada, pouco acreditamos que ela possa dar frutos de novo. Mas quando vem a colheita, percebemos que a poda permitiu que os galhos concentrassem sua energia na produção de mais uvas.

Pessoas agradecidas são as que aprendem a celebrar mesmo através de lembranças difíceis e atormentadoras, porque sabem que a poda não é mera punição, mas preparação. Quando nossa gratidão pelo passado é apenas parcial, da mesma forma nossa esperança de futuro nunca poderá ser completa. Mas submetendo-nos à poda que Deus realiza em nossa vida não ficaremos tristes, e, sim, esperançosos por aquilo que ele irá fazer em nós e através de nós. A colheita trará suas próprias bênçãos.

Tenho aprendido, gradualmente, que o chamado à gratidão nos pede para dizer: “Tudo é graça.” Enquanto nos ressentirmos de situações indesejadas, relacionamentos com um desfecho diferente do que desejávamos e erros que nunca gostaríamos de ter cometido, então parte do nosso coração permanecerá isolada, incapaz de produzir fruto na vida nova que está à nossa frente. Desse modo, manteremos fora do alcance de Deus uma parte de nós mesmos.

Em lugar disso, podemos aprender a ver a lembrança de nossa experiência passada como oportunidade para uma conversão ativa de nosso coração. Permitimos que aquilo que recordamos nos faça também nos lembrar de quem somos, não de nós mesmos, mas de Deus. Se estivermos verdadeiramente prontos para uma nova vida a serviço de Deus, verdadeiramente plenos de alegria na perspectiva da vocação revelada por Deus para a nossa vida, verdadeiramente libertos para sermos enviados para onde Deus nos guiar, nosso passado inteiro, reunido na amplidão

de um coração convertido, vai tornar-se a fonte de energia que nos moverá para a frente.

Foi, então, importante que a partida de minha amiga de nossa comunidade fosse vista como um momento no qual revivemos tudo o que ela havia vivido conosco e dissemos: “Graças sejam dadas a Deus!” Recordar a sua história em nosso meio como a jornada de Deus ao seu lado levou-a a firmar-se no caminho de seu novo chamado.

Quando penso na minha própria dor e na perturbação e inquietação interior que senti quando cheguei a Daybreak, percebo como Deus foi bom por me trazer não a um lugar protegido, isolado da dor, mas ao contrário: em nenhum outro lugar posso presenciar melhor as provações do que entre pessoas incapacitadas que têm sofrido não só a perda de sua agilidade mental e mesmo física, mas também do apoio familiar, das oportunidades de estudar e dos privilégios de casarem-se e de viverem uma vida independente. Vivo cercado de pessoas com enormes e inevitáveis necessidades. E mais: em nenhum outro lugar tenho festejado tanto e tão ricamente como entre esses homens e essas mulheres que têm lamentado tantas perdas. Quando celebramos juntos, não é pela conquista de graduações, prêmios, promoções ou recompensas, e, sim, porque o presente da vida evidenciou-se no meio de tantas perdas.

Adornos, cartões, velas, pacotes de presentes, abraços, sorrisos e beijos são todos expressões de vida e esperança. Quando faço parte dessas comemorações, sejam elas pequenas, à mesa do jantar, ou grandes, na capela ou no salão de festas, fico maravilhado diante da dança para a qual o Espírito Santo nos chamou.